



## **O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DO SURDO: LIBRAS EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**Gerison Kezio Fernandes Lopes**

### **Introdução**

Para a comunidade surda o uso das novas tecnologias se refere a uma nova dimensão da possibilidade do “saber fazer”, visto que são acessíveis a comunicação visual, que caracteriza sua língua, a Língua de Sinais, uma língua de característica gesto-sinestésico-visual. Diferencia-se das línguas orais, pois utiliza a visão para a percepção dos gestos, estes que são produzidos em um ponto específico no corpo ou em um espaço estabelecido, dimensão que possibilita a constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos que transmitem significados, os quais são identificados por seus utentes pelo meio das mesmas dimensões espaciais. Os sinais são formados a partir de uma combinação entre os parâmetros das Línguas de Sinais<sup>1</sup>.

Visto que as novas tecnologias possibilitam uma maior acessibilidade visual, a comunidade surda a recebe como uma potencialidade na comunicação o que estabelece novas possibilidades para o seu processo educacional. Etimologicamente o termo tecnologia tem sua origem na palavra grega “Téchné” que significa “saber fazer”. O professor com o auxílio das novas

---

<sup>1</sup>Parâmetros das Línguas de Sinais: Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L), Movimento (M), Orientação da mão (Or) e Expressões não Manuais (ENM) que se divide em Expressões Faciais e Corporais.



tecnologias pode proporcionar ao aluno surdo aulas mais visuais, através de momentos lúdicos, estimulantes, diferenciados, respeitando as características da língua de seu aluno. Esse mediador através do uso das tecnologias cria facilidades na percepção dos conteúdos, aumentando a autoestima, permitindo ao aluno surdo o acesso a uma pedagogia visual.

Para que esse professor/mediador tenha conhecimento sobre as possibilidades e potencialidades da pedagogia visual na educação de surdos, este precisa ter conhecimentos sobre os aspectos culturais da comunidade surda, para tanto é necessário que as instituições de ensino superior estejam capacitadas para atender e proporcionar a esse mediador conhecimentos metodológicos para a educação de surdos proporcionando a eles a imersão no mundo gesto-visual dos surdos.

A inserção da disciplina de Libras nos cursos de graduação é resultado das lutas incansáveis dos surdos pelo direito à educação e direito linguístico. A partir do Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005 o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua da comunidade surda brasileira, tornou-se obrigatório nos cursos de licenciatura, inclusive nos cursos de Educação a Distância (EaD), que, por sua vez, objetiva fornecer subsídios para os futuros profissionais na compreensão a singularidade linguística e cultural dos surdos. Essa disciplina não será totalmente responsável pelo sucesso da educação dos surdos, mas por possibilitar que os novos profissionais conheçam as peculiaridades desse grupo linguístico e não reproduzam discursos e atitudes que estigmatizaram os surdos ao longo de seu processo educacional.

No planejamento dessa disciplina em EaD os materiais e recursos didáticos teóricos devem estar acessíveis ao público, bem como a acessibilidade linguística. Visto que um grande desafio do ensino de Libras em

2



EaD é proporcionar o contato com do aluno com a comunidade e a língua surda. A acessibilidade linguística no ambiente virtual tem como objetivo aproximar esse aluno ao mundo visual dos surdos.

A mediação do processo de conhecimento sobre os aspectos culturais da comunidade surda, conhecimentos teórico-práticos sobre os aspectos sócioantropológicos da surdez e da língua de sinais deve, também, propor ao educando o contato com a prática linguística através dos laboratórios tecnológicos, na produção e apreciação de vídeos, discussões em fóruns, chats e da leitura de textos em Língua Portuguesa, essa que é a segunda língua dos surdos.

### **As Tecnologias ‘a favor’ da Educação de Surdos**

A educação de surdos<sup>2</sup> começa através das orientações dos padres, depois do século XVI, com objetivo de formarem os surdos, filhos de nobres, em cidadãos educáveis e letrados. Na Idade Média destacamos o italiano Giralamo Cardamo, que possuía um filho surdo. Cardamo declara que é possível ensinar um surdo a ler e a escrever sem a utilização da fala, mas utilizando sinais para mediar o ensino e comunicação dos surdos.

O monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon, além de usar os sinais de Giralamo Cardamo e fazer uso do alfabeto manual<sup>3</sup>, percebeu a potencialização da oralização dos surdos e desenvolveu um ensino pautado no treinamento da voz e da leitura labial, o que possibilitou o sucesso desse

---

<sup>2</sup> Conforme Skliar (1996), por sua diferença linguística e por serem sujeitos ágrafos, não encontramos registro histórico que documente o processo educacional de surdos antes do século XVI.

<sup>3</sup> A origem do alfabeto manual provém da Espanha, do século XVI, com o Monge Beneditino Pedro Ponce de Leon, que viveu no monastério de Onã, em Burgos a publicação deste alfabeto ocorreu em 1620 por Juan Pablo Bonet em seu livro intitulado Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos.



método para um grupo de surdos filhos de famílias nobres. Leon ensinava a leitura labial, a fala, as orações e as doutrinas cristãs, além de ensinar os surdos primogênitos das famílias nobres a falar para que os mesmos tivessem direito as suas heranças.

Os sinais foram evidenciados pelo Abade francês Charles Michel de L'Épée, que a partir do século XVIII, inicia o trabalho de instrução formal com surdos a partir dos sinais utilizados por eles nas ruas de Paris o que difundiu sua metodologia gestual tornando-se conhecida, respeitada e tida como o caminho correto para a educação de surdos.

No convívio com os surdos, o abade L'Épée percebe que os gestos cumpriam as mesmas funções das línguas faladas e, portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre eles. E assim inicia-se o processo de reconhecimento da língua de sinais. Não apenas em discursos, mas em práticas metodológicas desenvolvidas por ele na primeira Escola Pública para Surdos em Paris. Além disso, para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois essa era a forma natural que possuíam para expressar suas ideias. A língua utilizada no processo educativo era a de sinais. É interessante realçar que, nessa época, a educação de surdos tinha os mesmos objetivos que a educação dos ouvintes, ou seja, o acesso à leitura. Para o abade, a comunicação em sala de aula se efetivava graças ao domínio que ambos, professores e alunos, tinham da língua de sinais (SILVA, 2006, p. 23).

Todavia, como os avanços tecnológicos a aprendizagem da fala fora facilitada, isso fez com que em 1860 o enfoque Oralista se difundisse ganhando forças e motivando os profissionais a tentar em investir na oralização



de surdos. O Congresso de Milão<sup>4</sup>, em 1880 determinou o uso da oralidade deveria ser preferido, pois os sinais prejudicariam a fala e a precisão de ideias.

Durante muito tempo as discussões a respeito da educação são impregnadas de uma visão médico-clínica. Essa postura foi assumida pela filosofia oralista, que acredita, na normalização, preconizando a integração e o convívio dos portadores de surdez com os ouvintes somente através da língua oral. Com a busca da equivalência ao ouvinte, prioriza-se o ensino da fala como centralidade do trabalho pedagógico. (SALLES 2004, p. 55-56)

O uso das tecnologias com base na normalização considerava a surdez como patologia, uma anormalidade, buscando, nos surdos, o comportamento ouvinte, ensinando-os a fala a fim de que fossem aceitos na sociedade. Para tal utilizavam as tecnologias para aperfeiçoarem as próteses auditivas e os treinamentos de fala.

A abolição dos sinais na educação de surdos pela filosofia Oralista, baseava-se na concepção de língua, pela maioria dos linguistas, como sendo exclusivamente a língua oral, reconhecendo os sinais como meras “mímicas”, sem qualquer valor linguístico, que precisam ser evitados a todo custo, a fim de que o aprendizado da língua oral, por parte do surdo, não seja estorvado.

A visão médica-tecnológica visava “a cura”, uma tarefa que até então era absorvida por outras sociedades além da Europa. Essa visão perdurou por mais de 200 anos nos países europeus e por muito tempo pela maioria das outras sociedades. A meta era macular essa língua minoritária assim como suprimir a cultura dessa minoria.

---

<sup>4</sup> Skliar, (1997, p. 108) Congresso de Milão de 1880 – curiosamente chamado “Per Il miglioramento della sorte dei surdomuti”, “Para a melhoria da sorte dos surdos-mudos”.



A abordagem oral dominou os educadores por muitos anos. Esse era o método mais natural para os ouvintes e como os professores geralmente faziam parte desse grupo usavam a fala em sala de aula não conhecendo e nem reconhecendo a competência dos sinais, a língua própria de seus alunos surdos. “Controlar” a sala de aula foi fácil, pois alunos foram proibidos de usar uma língua a qual os professores não pudessem compreender. Devido a essas circunstâncias, aos alunos exigiu-se que negassem sua própria língua, conseqüentemente removendo-a do ambiente da escola. Há relatos na História dos Surdos de que se esses alunos fossem pegos usando sua língua eram punidos. Essas punições consistiam em amarrar suas mãos, trancá-los em porões, armários e até mesmo serem castigados fisicamente ou ridicularizados em público.

Contudo, o problema ia bem mais além das severas punições e da distância de familiares que, por consequência da falta de comunicação, se afastavam desses alunos. A privação da língua nos surdos na infância levou a níveis bastante altos de doenças mentais na faixa etária de 30 e poucos anos. Pesquisas evidenciadas por Young, (1996), Griggs, (1998) e Kyle, (1998), evidenciadas por Kyle em 1999.

A partir da morte de Laurent Clerc<sup>5</sup>, um forte defensor da Língua de Sinais, é que o Oralismo ganhou forças, através de Alexander Graham Bell<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Laurent Clerc (1785 – 1869), surdo francês, educador, que acompanhou Thomas Hopkins Gallaudet, educador ouvinte, aos EUA, onde abriram uma escola para surdos, em Abril de 1817, a Escola de Hartford. Gallaudet instituiu nessa escola a Língua Gestual Americana, passou ainda a seu uso o inglês escrito e o alfabeto manual.

<sup>6</sup> Alexander Graham Bell, filho de mãe surda e pai especialista em problemas auditivos. Casou-se com Mabel, também surda. Defendia o casamento de surdos com ouvintes, acreditando que este potencializaria a fala, caso um surdo casasse com outro surdo este ficaria preguiçoso em desenvolver a fala. Aos 14 anos desenvolveu em conjunto com os irmãos uma réplica do



que utilizou dos recursos tecnológicos para a busca da correção da fala e foi um dos maiores defensores do Oralismo. No ano de 1880, no Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão, Graham Bell exerceu grande influência na votação do Congresso que decidia a favor das ideias Oralistas como diretrizes únicas na aprendizagem dos surdos. Sendo que aos próprios surdos lhes foram negado o direito de votação.

A partir desse Congresso as Filosofias Educacionais começaram a mudar. O “Método Combinado” que até então era utilizado foi substituído pelo Método Oral Puro, o Oralismo. Os já existentes professores surdos foram afastados de suas atividades e os alunos proibidos de utilizarem sinais, tanto para dentro como para fora de sala de aula. Era prática comum amarrar as mãos dos alunos para que os mesmos não se comunicassem em gestos (FELIPE, 2005).

Diferenciando-se do século XVIII, a partir daquele momento houve uma mudança radical no sentido oposto a educação de surdos onde antes percebiam suas potencialidades com a utilização da língua de sinais. No início do século XX, todas as escolas deixaram de utilizar a língua de sinais passando fazer uso da oralização e suas potencialidades tecnológicas.

Os estudos médicos sobre a deficiência, a linguagem, e a influência da tecnologia na medicina fez com que diversos médicos comesçassem a desenvolver seus trabalhos com surdos nos estabelecimentos educacionais. Esses procedimentos eram priorizados os aparelhos auditivos e materiais

---

aparelho fonador. Respeitando a tradição da família Bell tornou-se um corretor da fala. Em 1873 ao ingressar como professor de Fisiologia Vocal na Universidade de Boston desenvolveu suas pesquisas em como utilizar a eletricidade na transmissão de sons. Enquanto trabalhava em um telégrafo desenvolveu a ideia base do que seria hoje o telefone.



concretos que estimulassem a audição e a fala. Esses eram os procedimentos mais brandos, pois muitos surdos, neste período, eram cobaias para procedimentos científicos. “Estas crianças não são entidades na sociedade, são máquinas vivas e estátuas... Não possuem sequer instintos animais... As suas mentes são vazias... Para elas o mundo moral não existe. Os vícios e as virtudes são irreais”. Pensamentos do Abade Sicard, reitor do Instituto dos Surdos Mudos de Paris, em 1800. Estudos evidenciados por Souza (2012) apud (PESSOTTI, 1984; LANE, 1992) apud (LANE, 1992, p.192).

Como exemplos desses trabalhos científicos temos Jean Itard (1775 a 1838) que no Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris, fazia suas pesquisas usando os métodos de cargas elétricas nos ouvidos de surdos, baseando seu experimento nos estudos de um cirurgião italiano que utilizou a eletricidade para reanimar a perna de uma rã, Itard acreditava que ao dar uma descarga elétrica no ouvido do surdo este seria reanimado. Em seus métodos estavam também à utilização de sanguessugas no pescoço justificando seu uso na possibilidade de a sangria local produzir algum efeito. Em outros seis pacientes surdos utilizou a perfuração de tímpanos acreditando na possibilidade do ouvido estar bloqueado e não paralisado, mas as tentativas foram cessadas visto que lhe parecia doloroso e um de seus pacientes chegara a óbito por conta do procedimento. Souza (2012, p. 9) apud (PESSOTTI, 1984; LANE, 1992) apud (LANE, 1992, p.192).

Itard submeteu 120 alunos a também um procedimento falido que tinha como objetivo introduzir uma sonda da garganta ao ouvido a fim de extrair o excremento linfático. Submeteu, ainda, seus alunos a um procedimento secreto que consistia em uma infusão nos ouvidos, em outros o uso de laxativos diários bem como em outro grupo a cobertura do ouvido com ligadura de uma

8





substancia química borbulhante, nesta última, após poucos dias, seus alunos sentiam insuportáveis dores e seus ouvidos já sem pele expeliam pus. Souza (2012, p. 9) apud (PESSOTTI, 1984; LANE, 1992) apud (LANE, 1992, p.192).

Itard desenvolveu diversas técnicas dentre elas a aplicação de soda cáustica por detrás da pele do ouvido, marteladas por detrás do ouvido, a fim de fraturar-lhes o crânio, pois acreditava que assim o som encontraria uma passagem. Em seus métodos também, estavam a aplicação de um botão metálico por detrás do ouvido, experimento este, assim como o da ligadura embebida por uma substância química borbulhante fez expelir pus no referido local que já havia se transformado em uma ferida em crosta. Entre suas tentativas estava o procedimento em que se inseria uma linha no pescoço do aluno surdo pelo intermédio de uma agulha, o que provocou, também feridas supurantes. Jean Itard insistiu em seus experimentos até concluir que: “A medicina de nada vale naquilo que já está morto, e por aquilo que me foi dado a observar, não há vida no ouvido do surdo-mudo. Quanto a isso, não há nada que a ciência possa fazer”. Souza (2012, p. 9) apud (PESSOTTI, 1984; LANE, 1992) apud LANE, 1992, p.192).

Nos Congressos sobre surdez, não havia preocupação em fazer com que o aluno surdo pudesse adquirir a instrução, conforme era compreendida para os ouvintes e sim, uma preocupação clínica e profissional por parte dos pesquisadores médicos, foi criada uma relação entre Educação Especial e Medicina, mas no âmbito da correção. Esse período que surgia após o Congresso de Milão, em 1880, que firmou a educação com base na Filosofia Educacional Oralista era chamado de Pedagogia Corretiva ou Medicalização da Surdez.



A Pedagogia Corretiva foi o período em que as escolas se transformaram em âmbitos médicos, a educação antes coletiva transformou-se em educação individual, ou seja, as escolas se transformaram em clínicas de reabilitação, em busca da normalização do sujeito surdo. Evidenciado por Skliar, (1997, p. 110-111) quando afirma:

O modelo clínico-terapêutico impôs uma visão estritamente relacionada com a patologia, com o déficit biológico, com a surdez do ouvido, e se traduziu educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva. A partir desta visão, a surdez afetaria de um modo direto a competência linguística das crianças surdas, estabelecendo assim uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral. Desta ideia, se deriva, além disso, a noção de que o desenvolvimento cognitivo está condicionado ao maior ou menor conhecimento que tenham as crianças surdas da língua oral.

O interesse dos médicos sobre a mudez, ocasionada pela surdez, poderia ser atribuído ao importante papel da Medicina no período da revolução científica, em especial da anatomia, em que passaram a se dedicar ao estudo da fala dos surdos, assim como de suas possibilidades de aprendizagem. Desta forma, estabeleceu-se uma estreita relação entre Educação Especial e Medicina.

No passado, o objetivo do uso das ferramentas tecnológicas na educação de surdos era de “corrigir a surdez”, hoje, porém, mais do que oferecer assistência às necessidades, o uso da tecnologia visa auxiliar no desenvolvimento do potencial cognitivo, criativo, linguístico, comunicacional e sócio afetivo. Salienta-se que é o processo de mediação pedagógica que pode definir a forma de utilização das tecnologias. Na educação de surdos a



tecnologia apresenta-se como uma ferramenta pedagógica no processo de comunicação escrita, visual e de interação dos surdos.

### **Percepção do uso das Tecnologias no processo sócioeducacional do surdo**

A tecnologia caracteriza o surdos conforme suas perdas auditivas, sejam *leves*, não poderá ouvir sons abaixo e entre 20 e 40 dB, *moderada* que resulta na perda dos sons de 40 e 70 dB, *severa*, não podendo ouvir sons entre 70 e 90 dB e *profunda*, esta com a ausência de cerca de mais de 90 dB. (Conforme BIAP - Bureau International d'Audiophonologic, 2010).

Em termos culturais, a surdez é tida como diferença linguística e identidade cultural, compartilhada entre os indivíduos surdos. Seu principal elemento é a Língua Brasileira de Sinais (Libras), no caso do Brasil. Os aspectos culturais, sociais e educacionais do surdo são assuntos amplamente discutidos, o que não significa que são compreendidos em sua totalidade, compreender as peculiaridades do povo surdo é fundamental para entender a forma que se comunicam.

Carlos Skliar (1998) aborda a cultura surda<sup>7</sup> como um cultura de uma minoria linguística que é bem representada através das línguas de sinais. Afirmando que a língua de sinais não é isolamento, mas direito humano de pertencer a grupos com características distintas.

Os alunos surdos contam com ajudas tecnológicas para o firmamento de sua inclusão escolar, (BRASIL, 2000) afirma que tecnologias educacionais são

---

<sup>7</sup> Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos de produções (SKLIAR, 1998)



“qualquer elemento que facilite a autonomia pessoal ou possibilite o acesso e o uso do meio físico”. Outrora o objetivo do uso dessas tecnologias eram o de classificar, corrigir, reparar as “incapacidades”, hoje, a tecnologia é uma aliada na mediação pedagógica, no desenvolvimento do potencial cognitivo, criativo, sócioafetivo, comunicativo e linguístico valorizando as línguas de sinais e incentivando a escrita e a leitura da Língua Portuguesa através do uso de vídeos, traduções, redes sociais, e demais tecnologias.

No contexto sócioeducacional dos surdos a tecnologia considerada mais antiga talvez sejam os aparelhos de amplificação sonora, hoje são representados pelos implantes cocleares. No que se refere aos dias atuais diversas tecnologias são ofertadas aos surdos, dentre várias, podemos destacar os aparelhos de amplificação sonora, sinalizadores de som “Hearing Loop”, Implante Coclear, softwares para reabilitação de fala, telefones para surdos, materiais com acessibilidade em Libras, uso de computadores e celulares, serviços de mensagens como SMS, Closed Caption, uso de comunicação através de chamada de vídeo como Skype, chats de vídeo, redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram e demais recursos de comunicação através da internet.

Considerando as ajudas tecnológicas como elementos que permitem a superação de barreiras da mobilidade e da comunicação, possibilitando a inclusão plena social, o Decreto 3.298/99 afirma que produtos, instrumentos, equipamentos tecnológicos adaptados ou projetados para melhoria do aluno e favorecimento de sua autonomia é de importância para a Educação Especial.

Conhecer seu aluno é de extrema importância para a aplicação das ferramentas tecnológicas, pois esse elemento traz motivação, mas se utilizado de forma inadequada pode frustrar o seu uso. O bom uso proporciona aos

12



alunos autonomia, desenvolvendo a capacidade individual e a colaboração em equipe, tornando-os criativos através da variedade de ferramentas, contribuindo na aceleração de seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, raciocínio lógico e capacidade de encontrar soluções para problemas.

### **Uso das Tecnologias: A importância da Pedagogia Visual no processo de ensino e de aprendizagem do surdo**

Na percepção do surdo as novas tecnologias contemplam um mundo de possibilidades e potencialidades acessíveis visualmente, alcançando novos horizontes e a necessidade de introduzir suas necessidades educacionais ao campo visual, porém este encontra algumas barreiras, dentre elas está o não conhecimento da língua de sinais por seus professores, bem como o escasso conhecimento sobre a cultura da comunidade surda, uma cultura alicerçada nas experiências visuais do mundo em que os surdos estão inserido.

Através da pesquisa, observamos que não é comum encontrar produções teórico-metodológicas relacionadas à pedagogia visual na área dos surdos, mesmo que a língua de sinais (que é a língua natural, materna e nativa das pessoas surdas, cuja modalidade é gesto-visual), se apoie em recursos da imagem visual. É um novo campo de estudos e a demanda da sociedade, por sua vez, pressiona a educação formal a modificar ou criar novos conceitos ou denominações para a pedagogia visual, a fim de reorientar os processos de ensinar e aprender. Isto ajudará a propor uma educação que não só beneficie o indivíduo surdo, mas que garanta a participação de todos: professores, docentes, pesquisadores, alunos, ou seja, a escola em sua totalidade. Esta área é ainda restrita a poucos: imagem visual, semiótica imagética ou também o uso de língua de sinais na sua aquisição, compreensão e



captação do pensamento através da imagem visual (CAMPELLO, 2007 p. 113 e 114).

Para facilitar o processo de ensino e de aprendizagem do sujeito surdo o professor/mediador deve permitir ao surdo o acesso a este processo através da pedagogia visual que visa superar as dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem através da construção de novos valores, jogos interativos, softwares educacionais, dicionários digitais, entre outros aspectos das novas tecnologias que correlacionadas à comunicação visual, qualidade, agilidade, ferramentas interativas garantem uma maior aplicabilidade que vieram para amenizar as dificuldades, melhorando o desempenho dos alunos surdos.

Utilizar as novas tecnologias não garante a escola um avanço de qualidade se esta continuar com os antigos processos da aprendizagem tradicional de transmissão de informações. É preciso utilizá-las como ferramentas de trocas cognitivas. E, no caso dos surdos, a língua a ancorar essas práticas precisa ser a Libras. Mais importante do que a informação é saber buscar e trabalhar com ela. O centro do processo educacional devem ser as trocas, as interações, cooperação entre os pares, as pesquisas, os trabalhos em grupo, todas essas, habilidades necessárias para a sociedade do conhecimento em que vivemos hoje. Para além da aquisição do conhecimento essas abordagens privilegiam o processo de construção do conhecimento do aluno, dando oportunidades de aumentar a compreensão de conceitos complexos, estimular a imaginação e a criatividade visando o desenvolvimento dos processos mentais superiores (STUMPF, 2009, p. 3-4).

Para tanto é necessário que esse mediador seja aliado ao uso das tecnologias utilizando esse recurso disponível para integrar a sua prática docente, sua vivência e experiências sobre os assuntos de sala, ou seja, precisa ter preparação e conhecimento das línguas envolvidas neste processo

14



de mediação entre a aprendizagem e o aluno surdo. Essa preparação envolve a preocupação de dominar a língua de sinais, os recursos tecnológicos e a possibilidade do uso dessas ferramentas pedagógicas na construção do desenvolvimento do aluno surdo.

Contudo, outra barreira importante dificulta a total acessibilidade por parte dos surdos às novas tecnologias: elas são visuais, mas em sua grande maioria, demandam sujeitos alfabetizados. A população surda, em nosso país e na maioria dos países, é em grande parte, composta de analfabetos funcionais na escrita da língua oral do próprio país e as produções em Libras exigem a disponibilidade de vários artefatos de cultura como câmeras, vídeos, tradutores, intérpretes etc. São dificuldades que aos poucos vão sendo vencidas. Porém, anterior a estas demandas, existe uma que, no caso dos surdos, é crucial para dar início a qualquer processo de inserção social e cultural, esta é a aquisição de uma consistente língua de sinais, primeiro passo para a constituição do sujeito como indivíduo com uma identidade própria e participante de um contexto cultural. São todos esses, os novos e grandes desafios que se apresentam para tornar acessível à população surda as Tecnologias da Informática e da Comunicação - TICs. No presente momento histórico brasileiro, a língua de sinais aceita e o seu uso regulamentado abrem as portas para profundas mudanças na educação dos surdos, pois o acesso a uma língua plena, aliada ao uso das novas tecnologias, aponta para reais possibilidades de um grande salto de qualidade nessa educação cujo principal objetivo é a inclusão do sujeito surdo na escola e na sociedade (STUMPF, 2009, p. 2- 3).

Por isso é necessário que o professor compartilhe vivências surdas para que possa desenvolver conteúdos práticos a fim de resolver as questões difíceis do mundo de hoje. Pois para que seu aluno possa assimilar o conteúdo proposto este mediador deve acompanhar, aprender e elaborar

15



atividades com foco nas necessidades culturais de seus alunos, para que essa aprendizagem possa ser valorosa, tanto para a vida pessoal e profissional de seu aluno.

### **Disciplina Libras em Educação a Distância (EaD): Potencialidades / Possibilidades?**

A Educação de Surdos, hoje em dia, advoga a solidariedade e o respeito mútuo às diferenças individuais, cujo ponto central está na relevância da sociedade aprender a conviver com as diferenças. A proposta vigente na educação de surdos é a Bilíngue defendendo que a língua de sinais e a língua oral sejam consideradas para os surdos sem que uma prejudique a outra e que o surdo saiba comunicar-se pelas duas línguas. Acredita-se que por intermédio da língua materna do surdo (língua de sinais), este pode desenvolver-se linguisticamente e cognitivamente sem enfrentar tantas dificuldades. A filosofia é de postura política, cultural, social, e educacional, não se resumindo apenas à aquisição de duas línguas. Capovilla et al. (1998) diz que:

As línguas de sinais surgem de maneira espontânea, pela utilização de gestos e por mímicas realizadas por um grupo de indivíduos surdos. Tal grupo convencionam e desenvolvem certos padrões gestuais próprios para cada objeto, ação, estado psíquico e emocional. O aperfeiçoamento destes padrões alcança a complexidade existente em qualquer língua falada, contendo todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Podemos definir língua como um sistema abstrato, repleto de regras e conceitos indicando uma estrutura em diversos planos. Para que uma língua seja considerada como tal, a mesma deve ser acessível, eficaz e praticável. A língua de sinais é uma língua da modalidade visual-gestual (ou espaço-visual),

16





pois a informação linguística é recebida pelos olhos e reproduzida pelas mãos, ou seja, é estruturada pelo processo visual do cérebro que processa estímulos eficientes. Através dessa, o surdo pode comunicar-se livremente, pois, novas informações são processadas e compreendidas, fazendo sentindo, sendo capaz de receber e decodificar significados. Essas estruturas e significados tornam a língua possível.

A educação de surdos vive um momento de propor construção de alternativas pedagógicas em que sejam constituídas abordagens apropriadas a este espaço educacional respeitando a diferença cultural dos surdos. Historicamente os surdos se percebiam como passivos e viviam na dependência do ouvintismo<sup>8</sup>. Com os movimentos surdos essa postura vem se modificando.

O Movimento Surdo, no mundo, proporcionou uma organização política que avança no sentido de superar a marginalização, trazendo esse sujeito para os espaços que o enxerguem como um cidadão. É uma organização que atua a partir de estratégias que buscam romper estereótipos que ameacem a sua acessibilidade a uma gama de direitos adquiridos, principalmente, a uma educação de qualidade. Nas camisetas que seus

---

<sup>8</sup>Ouvintismo representa a posição de superioridade do ouvinte em relação ao surdo. Do ponto de vista acadêmico, o ouvintismo significa o estudo do surdo sob o viés da deficiência, da necessidade de normalização ou clinalização. Para PERLIN, (1998, p. 58) o ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. Para WRIGLEY (1996, p. 72). ouvintismo baseia-se na ideia de “colonialismo”, uma relação de poder desigual entre dois ou mais grupos na qual “um não só controla e domina o outro, como ainda tenta impor sua ordem cultural ao(s) grupo(s) dominado(s)”.



integrantes usam, está estampado o seu desejo de reconhecimento: “Pelo direito de ser surdo”, pela não obrigação de ser submetido a estratégias que o queiram ouvinte, como se não fosse normal. MIORANDO (2006, p.78)

Acreditar em seu potencial e em seu direito linguístico e posicionando-se em prol de profissionais capacitados a atendê-lo fez os movimentos surdos conseguirem o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão, pela Lei 10.436/2002 garantindo o apoio e a sua difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

Através da referida Lei e do Decreto 5.626/2005, a Disciplina Libras é inserida nos cursos de graduação, resultado dos movimentos surdos em prol ao seu direito linguístico, social, inclusivo e educacional. Ser inserido no processo de ensino e aprendizagem através de sua língua é imprescindível para essa comunidade. A obrigatoriedade da disciplina chega nos cursos de formação de professores, inclusive nos cursos de Educação a Distância (EaD). Assim como o ensino presencial o ensino a distância deve objetivar subsídios para os futuros profissionais na compreensão a singularidade linguística e cultural dos surdos.

A inserção da disciplina na grade curricular não será unicamente responsável pelo sucesso da educação dos surdos, mas por abrir novas possibilidades no processo educacional. Possibilitar aos futuros profissionais o conhecimento das peculiaridades linguística e a não reprodução de mitos, discursos e atitudes que estigmatizaram os surdos ao longo de seu processo educacional gera um sentimento de conquista na comunidade surda.

18



[...] mesmo na escola que conta com um intérprete, com uma sala de recursos, com serviço e apoio de professor de educação especial ou professor itinerante, é de fundamental importância que o aluno sinta que seu professor está se esforçando para se aproximar dele, tentando encontrar maneiras de interagir com ele. O professor também pode intermediar a aceitação do aluno pelos outros alunos, para que ele se sinta parte da classe. Na nossa sociedade, a interação se dá mediada pela linguagem. Não basta uma aproximação física (REILY, 2008, p.128).

A disciplina Libras em Educação a Distância (EaD) deve ser expansiva, atingir outros horizontes proporcionando ao futuro profissional da educação, bem como aos demais que atuarão em outras áreas, o acesso a Comunidade Surda, ao Povo Surdo e a sua Língua através das tecnologias visuais, pois a possibilidade de transformação social e educacional dos surdos passa pela inserção da pedagogia surda.

O objetivo dessa disciplina é proporcionar aos graduandos formação básica em Libras conhecimento sobre a cultura e identidade do povo surdo, abrindo espaços para proporcionar a inclusão de surdos no mercado de trabalho visando garantir a inclusão social dos surdos na sociedade por meio da formação acadêmica. Para viabilizar a disciplina é necessário o desenvolvimento de diversas ferramentas no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem, que possibilitem disponibilizar os conteúdos em Libras e favorecer o processo de comunicação.

A disciplina Libras em EaD (Educação a Distância) visa adequar o uso da tecnologia e seus canais de produção e recepção a característica visual-espacial da língua de sinais que difere das línguas orais, que são expressas através do canal oral-auditivo. A disciplina Libras a distância deve apresentar



uma proposta inovadora de material didático pautada na visualidade a partir do uso de vídeos com o apoio de instruções escritas utilizando-se de textos impressos – os principais materiais didáticos. O material escrito/impresso deve ser exposto em plataformas de ambientes virtuais através de softwares demonstrando a viabilidade da oferta de uma disciplina de Libras com objetos de aprendizagem que garanta o contato com a língua de sinais a partir de sua característica viso-gestual.

Os surdos trazem consigo a experiência de uma língua visual-espacial, a Língua de Sinais, uma língua não oral-auditiva, manifestação linguística própria deles mesmos em sua forma mais autêntica de produção. Os direitos linguísticos dos surdos brasileiros passam a garantir a inclusão dos surdos na sociedade brasileira, possibilitando acesso ao conhecimento em sua própria língua e garantindo-lhes o exercício à cidadania (QUADROS, CERNY e PEREIRA, 2008, p. 54).

É de suma importância e não se pode negar os encontros presenciais com o Tutor de Libras, visto que são nesses momentos que o aluno tirará suas dúvidas acerca da sinalização, vocábulos, comunicação e uso da língua. É necessário fornecer ao estudante da língua condições de utilizá-la como meio de comunicação, compreendendo seus aspectos gramaticais e permitindo-o o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para uma futura atuação na educação de surdos. Preparar esse aluno para o enfrentamento das necessidades linguísticas, socioculturais, pedagógicas, didáticas do sujeito surdo é essencial para que este possa ser incluído socialmente e exercer sua cidadania, direito que é garantido por lei.

A utilização da TV, DVD, data show, vídeos, internet, softwares, redes sociais, e-mail, chat, webcam, mensagens de textos de celulares se tornam

20



objetos de aprendizagem e oportunizam e motivam o acesso e a participação dos surdos em seu processo educacional, visto que suas experiências de comunicação são de caráter visual. É de importância construir meios e espaços alternativos que propicie o desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo dos surdos, esses espaços podem ser efetivados em escolas ou salas de aula virtuais na qual ofertem interação com o outro e acesso a informação visando a formação desse sujeito.

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. SUTTON-SPENCE e QUADROS (2006, p. 111)

Diante do exposto, deve-se refletir que a disciplina Libras à distancia vem com a proposta de alargar fronteiras e indagar sobre o nosso papel, como educadores, frente à valorização e disseminação desta língua e da comunidade surda em diversos âmbitos. Dessa forma, percebe-se o desaparecimento das paredes e fronteiras das salas de aula quando novas maneiras de ensinar e aprender acontecem no campo educacional com o uso das tecnologias, proporcionando aos alunos de cursos diversos se socializarem entre si e com o professor, trazendo à tona sua realidade, expectativas, (pré) conceitos e experiências sobre a surdez e a Libras.



Essa interação entre realidades de vida leva a questionar sobre o que é a surdez, quem é o sujeito surdo, a importância da língua de sinais na comunidade surda, ou seja, levará aos alunos de diversos ‘mundos’ a refletirem sobre as representações que o sujeito surdo construiu no contexto social e educacional, bem como o momento em que estão vivenciando. Os surdos brasileiros, atualmente, estão vivendo o momento de resvalar a sua pedagogia, uma educação que requer ser diferente das outras propostas pedagógicas.

A disciplina Libras em EaD, deve objetivar fornecer subsídios para que nosso estudante perceba que uma das preocupações do povo surdo é a ausência dos conteúdos da pedagogia surda na inclusão vigente, pois a escola precisa construir um espaço de contato com a Cultura Surda.

A comunidade surda tem características que começam a firmar-se na sua convivência social. E entre uma e outra geração que ia para a escola, pesquisadores da Educação de Surdos discutiram, em Congressos e eventos que envolviam a comunidade ouvinte e surda, os novos cenários que exigiam uma educação pensada a partir de anseios que discutiam os rumos que a escola para surdos deveria tomar (...) Mas, a falta da escola, de seus professores, estava em receber os alunos surdos e não acompanhar o crescimento dessa comunidade, bem como a expansão do seu movimento político (MIORANDO, 2006, p. 78-79).

Para alcançarmos os objetivos almejados, a disciplina aborda os aspectos da língua de sinais e sua importância: cultura, história e identidade surda, aspectos linguísticos da Libras, o processo de ensino e aprendizagem e os agentes educacionais envolvidos na educação dos surdos. Além disso, as experiências compartilhadas ao longo da disciplina corroboram para uma formação prática, um aprendizado que vai além das discussões teóricas, pois



favorece a vivência com a Libras proporcionado pelo material disponível na plataforma e elaborado pelos estudantes bem como nos encontros presenciais com o professor.

O computador incorporado às novas tecnologias de comunicação deixa de ser um processo ensino/aprendizagem individualizado, para oferecer um ambiente de cooperação, possibilitando a criação coletiva de um conhecimento compartilhado. Estimula o desenvolvimento da socialização através de trabalhos coletivos e grupais, possibilita a utilização de softwares educativos e aplicativos direcionados a grupos de características diferenciadas, bem como, incentiva a cooperação exercitando o respeito ao colega e ao professor. O desenvolvimento da criatividade acontece através de temas propostos de forma interdisciplinar, utilizando a informática como uma ferramenta de apoio. STUMPF (2009, p. 4)

Precisa-se vislumbrar uma educação que permita ao surdo uma integração em todos os extremos da sociedade, trabalhar, ser independente, participar, ter acesso, conquistar, enfim ser incluído sem perpetuar a distância dos ouvintes e aproveitar todas as conquistas que existem para os ouvintes e que, às vezes, estão distantes do surdo.

O surdo irá se integrar se houver acessibilidade, o que vai significar que a sociedade o acolhe. O acolhimento começa na família e na escola, se aí ele existir, o surdo vai aprender a se integrar. Então, a inclusão acontece a partir de dois movimentos: da construção social de toda a sociedade que entende e acolhe, e dos surdos, que vão participar porque se sentem acolhidos. Os dois



movimentos para construir uma inclusão são: o da sociedade que acolhe e o do surdo que se sente acolhido. Este movimento da sociedade implica em responsabilidade social como prática constante no agir das pessoas e das instituições a partir de uma posição ética, uma posição em que a liberdade individual é posta em segundo plano a fim de que a justiça assuma primazia nas relações intersubjetivas. (...) As leis de acessibilidade e da Libras incorporam o espírito de possibilitar o pertencimento. Nossos maiores esforços estão na construção de uma pedagogia surda que conduza à transformação desejada, pois sendo da própria sociedade a tarefa de tornar-se menos excludente é das escolas o papel de acolher o diferente, não repetir a segregação e induzir em seus alunos a observação e o comprometimento com comportamentos éticos e construtivos diante das diferenças. STUMPF (2008, p. 27 e 28)

A modalidade à distância visa à democratização do processo de formação, visto que em diferentes regiões do país tem-se a oportunidade de estudar Língua de Sinais dispondo da competência pedagógica e técnica de um grupo de profissionais com excelência na área, o que visa garantir o êxito da disciplina. A nova política de educação de surdos prevê professores bilíngues e tradutores/intérpretes de Língua de Sinais. A lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais –Libras como uma língua de caráter

24





viso-espacial que encontra na visualidade, na linguagem imagética, grandes aliadas junto às propostas educacionais e às práticas sociais em apoio ao surdo.

A proposta da disciplina de Libras à distancia deve visar não pautar apenas em texto disponíveis no ambiente virtual, mas propor uma disciplina que utilize objetos de aprendizagem que garantam o contato com a língua dos surdos, respeitando o ritmo e as dificuldades de nosso estudante, disponibilizando o atendimento individual e em grupo aos alunos pelo professor da disciplina, respeitando a característica visuo-gestualidade da língua de sinais.

Por ser uma língua viso-espacial, a Libras apresenta peculiaridades específicas distintas das línguas orais; como cenário da Libras temos a cultura surda e seus artefatos, esta muitas vezes desconhecida pela maior parte dos acadêmicos, aos quais chamaremos de ZeroLibras – ZL, ou seja, sujeitos que não possuem saberes sobre o sujeito surdo e a sua cultura, sobre a língua de sinais e a Libras. Percebe-se, portanto, o desafio de introduzir os saberes sobre a surdez na modalidade a distância em comunidades que geralmente desconhecem a surdez como diferença linguística e a Língua Brasileira de Sinais como língua de uma comunidade linguística minoritária (LEBEDEFF et al., 2011, p.3).

A partir das características peculiares da língua de sinais surge a necessidade de pensar em uma estrutura que trabalhe a visualidade do aluno da disciplina Libras, para que este se familiarize com a perspectiva visual no ensino de surdos visto que essa possibilidade de ensino, por muitas vezes, fora negada aos surdos no decorrer de seu processo educacional.



## **Considerações Finais**

O uso das tecnologias, para o surdo, deve facilitar a comunicação através de sua língua, para que através dele possam fazer uso do manifesto de seus pensamentos, de sua individualidade e de sua convivência social. As ferramentas tecnológicas devem respeitar a Libras, pois respeitando a língua de sinais é respeitar a cultura dos surdos. Para os surdos os recursos tecnológicos são mais que uma alternativa de comunicação é uma ferramenta de aprendizagem em Língua de Sinais e a possibilidade de aprendizagem do Português como segunda língua. Ao oferecer essa oportunidade ao surdo é contribuir para sua interação efetiva na sociedade.

O uso da internet, das redes sociais, do computador abriu possibilidades de comunicação para todos, mas para os surdos essas são ferramentas visualmente acessíveis, o que as tornam atraente para o surdo e que se explorada de forma correta tornam-se uma ferramenta educacional de possibilidades/potencialidades para os surdos.

Ao utilizar essa ferramenta como proposta didática devemos oferecer meios e facilidades para seu uso, priorizar imagens sobre sons, textos simples e diretos devem se sobressair aos complexos, uso de legendas, de Interpretes de Língua de Sinais, entre outros recursos devem possibilitar o desenvolvimento educacional.

No que se refere ao ensino de Libras em EaD, esta deve viabilizar o trabalho metodológico que integre o uso da tecnologia para propiciar a acessibilidade ao conhecimento da comunidade, povo e da língua do sujeito surdo. O trabalho desta disciplina é um desafio constante, pois vida proporcionar ao aluno o conhecimento desta língua através dessa nova forma



de aprender e de ensinar Língua Brasileira de Sinais na modalidade que é a modalidade a distancia.

As ferramentas tecnológicas possibilitam o acesso à informação e facilitam a aquisição de conhecimentos. Essa ferramenta vem sendo bastante utilizada para o ensino de Libras no ensino de ouvintes (como segunda língua), bem como no ensino de surdos (como primeira língua). Os surdos se apropriaram dessas tecnologias e hoje as possuem como ferramenta eficaz no seu processo de ensino aprendizagem.

A educação a distância, hoje, visa atender, na disciplina Libras, ouvintes, tendo como desafio futuro proporcionar o acesso ao ensino e a aprendizagem do surdo em outras áreas de estudo da Libras através de cursos em EaD visto que o potencial e a aceitação, pela comunidade surda, da educação à distância justifica-se pelo uso das metodologias e ferramentas tecnológicas que atraem o surdo, motivando-o e inserindo-o no meio educacional, método que atende a característica visuo-espacial de sua língua.

O ensino de Libras em EaD proporciona ao educando uma nova experiência, um contato com o mundo visual dos surdos, uma forma de preparar esse futuro educador para atender as necessidades culturais de seus alunos surdos, fornecendo um ambiente de cooperação, participação e criação através de um conhecimento compartilhado, estimulando o desenvolvimento da socialização através da coletividade.

Ao ter acesso a Libras através da EaD o professor fica mais sensível a atender visualmente o sujeito surdo exercitando sua capacidade de trabalho em grupo, pois estimula, também, fóruns, chats e bate papo, incentivando o respeito aos colegas e a valorização do trabalho coletivo.



## Referências

- CAMPELLO, Ana Regina e Sousa. *Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras)*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- CAPOVILLA, Fernando C., Raphael, Walkiria, Macedo e Eliseu. *Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para os Surdos*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.
- FELIPE, T.A. *LIBRAS em Contexto: Curso Básico. Livro do Estudante. 5 ed.* Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005.
- KYLE, J. O. *Ambiente Bilíngue: Alguns comentários sobre o desenvolvimento do Bilingüismo Para os Surdos*. In: SKLIAR, C. (Org). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos*. 1v. Porto Alegre: Mediação, 1999, 15 -26.
- LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LEBEDEFF, Tatiana Bolivar Lebedeff; ROSA, Fabiano Souto; BORDA, Adriane Borda; AROSTEGUY, Julia. *Produção de Material Didático para o Ensino de Libras a Distancia: Uma Discussão sobre Desafios e Superações e de Design*. Pelotas, RS: 2011.
- MIORANDO, Tania Micheline. *Formação de Professores Surdos: Mais Professores para a Escola Sonhada. Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.)*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- PESSOTI, Isaias. *Deficiência Mental: da superstição a ciência*. São Paulo: USP, 1984.
- PERLIN, Gládis. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Medição, 1998.
- QUADROS, Ronice Muller; CERNY, Roseli Zen; PEREIRA, Alice Theresinha Cybis. *Inclusão de Surdos no Ensino Superior por Meio do Uso da Tecnologia. Estudos Surdos III / Ronice Müller de Quadros (organizadora)*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
- REILY, Lucia. *Escola Inclusiva: Linguagem e mediação*. 3 ed. Campinas-SP: Papirus Editora, 2008.
- SALLES, H. M. M. L. et all. *Educação de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos*. 2v. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- SILVA, Vilmar. *Educação de Surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880*. Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.



SKLIAR, Carlos. Educação & exclusão: abordagens socio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOUZA, Margarida, M. P. de. Formação Inicial de Tutores em EAD LIBRAS. Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal do Ceará. Instituto UFC Virtual. Edição 2012.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. Poesia em Língua de Sinais: Traços da Identidade Surda. Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

STUMPF, Marianne Rossi. Mudanças estruturais para uma Inclusão Ética. Estudos Surdos III / Ronice Müller de Quadros (organizadora). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

\_\_\_\_\_, Marianne Rossi. Educação de Surdos e Novas Tecnologias. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.

### Identificação do Autor

#### **KEZIO, GERISON FERNANDES LOPES**



Professor de Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacabal. Licenciado em Pedagogia (UVA), Bacharel em Letras Libras (UFSC/UFC), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE).

**E-mail:** [gerisonkezio@outlook.com](mailto:gerisonkezio@outlook.com)